

FOTOGRAFIA SENSORIAL - PERCEPÇÕES E DESCOBERTAS NOS INSTANTES FOTOGRÁFICOS

GABRIELA LEITE DA CUNHA¹; HELENE GOMES SACCO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – lcunhagabriela.arte@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa revela meus processos de criação artística abarcando fotografias analógicas e poemas fotográficos intitulados Haicais Fotográficos, os quais são concebidos a partir de deslocamentos geográficos e percebendo os instantes possíveis de serem capturados pela fotografia. Desta forma, neste trabalho busco pensar como artista e educadora acerca das questões do ver e do olhar na contemporaneidade, suas implicações entre o excesso de imagens feitas por dispositivos digitais e a busca por instantes onde é necessário parar, reparar, sentir e registrar, utilizando como dispositivo a câmera analógica Canon AE1 - Program fabricada em 1981, de película 35mm.

Neste sentido, o suporte analógico é escolhido com o objetivo de resgatar a prática fotográfica em sua gênese, de forma a valorizar e respeitar o tempo presente nas trajetórias percorridas e trazer afeição ao instante captado. É com envolvimento de reparar e perceber a cidade que no estudo a seguir será possível refletir sobre os outros sentidos corporais presentes na fotografia e a capacidade de perceber o invisível e o sensório adentres no instante fotográfico. Sendo assim, será perceptível em torno da experiência fotográfica seu potencial de despertar presença nas ações cotidianas.

Como forma de analisar esta questão, o projeto RUMO - Exposição Itinerante de Fotografia Analógica o qual desenvolvo e sou co-autora se faz presente neste estudo para investigar as potências do corpo sensível e o valorização sobre os instantes ao se locomover pelas margens da cidade de Pelotas/RS, o qual me lanço em busca de paisagens desconhecidas ao adentrar como estrangeira em seus bairros periféricos. Outra questão que será apontada no texto e que foi desenvolvida no projeto RUMO é uma fotografia escutada, utilizando o método de audiodescrição para acessibilidade. Sendo assim, serão relacionadas no seguinte texto questões do olhar e do não olhar na contribuição de outros sentidos que auxiliam o corpo a ver, assim como a sua utilização apontadas pelo fotógrafo cego Evgen Bavcar.

Além disso, com ênfase de discutir no texto o papel da fotografia frente à facilidade de captação de imagens por dispositivos móveis, serão abordadas questões para refletir sobre o excesso de imagens na contemporaneidade e o estado de atenção perante tanto estímulo visual. Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivos específicos apontar o potencial do ensino da fotografia como estratégia de perceber os instantes no ato fotográfico e no alargamento da capacidade perceptiva; refletir sobre a experiência fotográfica do projeto RUMO e analisar o resultado do uso de dispositivos de inclusão que tornam uma imagem em imagem de escuta.

2. METODOLOGIA

Meu primeiro encontro com a fotografia analógica foi em 2016 quando adquiri a câmera que utilizo até hoje como dispositivo fotográfico. Sendo assim, criei o que chamo de Haicais Fotográficos, o qual são concebidos através da fusão de duas linguagens artísticas: a fotografia e a poesia, mais precisamente o haicai, que se origina poeticamente na atenção e percepção do momento presente. Meus haicais são desenvolvidos durante percursos exercidos em viagens que faço percebendo e me colocando como observadora de instantes inesperados.



Figura 1 - Haicai Fotográfico Tramandaí (2018). Faz parte do livro de artista Áquea (2018)

Desta forma, busco em meu trabalho observar as relações possíveis entre palavra e imagem, a valorização das experiências e como elas incidem na produção artística para com elas criar a possibilidade de um olhar atento onde as imagens se tornaram banalizadas, e consequentemente entender a dinâmica do mundo atual e suas influências na percepção. Sendo assim, reflito sobre o ato de ser uma estrangeira em locais ainda desconhecidos por mim, sobre a experiência do estranhamento ao adentrar novos lugares e de vê-los pela primeira vez.

Pude fazer o mesmo e desenvolver a minha poética para o projeto RUMO - Exposição Itinerante de Fotografia Analógica, onde percorri locais e espaços pouco visibilizados da cidade de Pelotas/RS e busquei novamente a sensação de ver como pela primeira vez, só que agora a cidade em que habito. Sendo assim, desta vez meu processo de criação ocorreu por um constante perambular pela cidade de bicicleta ou a pé para acessar instantes distintos encontrados em cada bairro.

Como já sabia que as fotografias posteriormente teriam a acessibilidade de audiodescrição, isso é, seriam utilizadas palavras para auxiliarem à imaginação das fotografias, consegui perceber em meus percursos outros sentidos do corpo que poderiam me auxiliar a captar algumas das fotografias, assim como, perceber o que eu estava vendo e capturando como imagens que seriam transcritas em palavras, que posteriormente teriam a possibilidade de serem transformadas em múltiplas outras imagens imaginadas.

Posso dizer que tenho imagens presentes na minha imaginação e na minha memória, e que durante o fazer fotográfico elas ocupam de certa forma a ação do olho que observa, construindo a imagem com referências poéticas que carrego comigo. Ou também quando, principalmente, abro espaço para ver com os ouvidos atentos, o que me proporcionou ver antes de olhar, por exemplo quando percebi o som do carro que estava praticamente fundindo o motor e quase pegando fogo ao dobrar a esquina, a revoada dos pássaros alcândo voo, crianças jogando bola ou brincando na frente de casa, a charrete e alguém de bicicleta que



se aproximava velozmente, e muitos outros exemplos que são possíveis de capturar percebendo os entres sensoriais que compõem uma fotografia. Sendo assim, a fotografia não é só o que apresenta, mas um gatilho para descobrir e registrar o que estava se passando em decorridos instantes temporais.



Figura 2, 3 e 4 - Fotografias analógicas (2019) para o projeto RUMO - Exposição Itinerante de Fotografia Analógica por Gabriela Cunha.



Figura 5, 6 e 7 - Fotografias analógicas (2019) para o projeto RUMO - Exposição Itinerante de Fotografia Analógica por Gabriela Cunha.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebo então como artista e educadora que durante o ato fotográfico é necessário tempo para refletir, não ter pressa, ocupar-se de presença em cada ocasião do cotidiano. As imagens devem ser imaginadas e presenciadas com o corpo ocupando-se de ausências, estando presente e fazendo com que um olhar sinestésico¹ seja capaz de ser predisposto.

É se contrapondo com o olhar sensorial que o olhar de fora, esse que se utiliza da visão, com o excesso de informação se ‘cega’ fazendo a vida passar cada vez mais veloz e sem descanso. Quando somos deixados atropelar pela vida em seu fluxo constante, nossos sentidos são colocados de lado e suas funções tornam-se mecanizadas, não servindo mais para sentir o alheio, o desconhecido. As

¹ Entendo como olhar sinestésico um olhar que consegue abranger outros sentidos corporais. Quando o sentido da visão se torna uma ferramenta para perceber os outros estímulos presentes no cotidiano. Sentir as coisas apenas com o olhar também se torna possível quando ocorre um certo mergulho ou imersão sensorial com aquilo que está sendo olhado.

imagens criam um simples borrão onde ficam registradas e são esquecidas ao mesmo tempo. Aquilo que nos afeta é contrário do que presenciamos atualmente, quando para todos os lugares que olhamos somos consumidos por um barulho de imagens, um excesso que nos causa cegueira e onde acabamos por olhar muitas coisas e não olhamos nada.

A imagem cria com ela um conhecimento, um diagnóstico de fatos reais ou fictícios. O excesso de imagem faz com que duvidemos dela como portadora do real, daquele instante de tempo concebido na temporalidade do acaso e da contemplação. Nossa atenção se dispersa, caracterizando por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos (HAN, 2017, p.33). Para isso é necessário compreender o que está para ser registrado, permanecer nesse olhar, perceber o que o rodeia, o que o constitui.

4. CONCLUSÕES

O estado de cegueira do não ver se transforma em uma visão interior que percebe o corpo como um aprofundamento interno capaz de perceber os outros sentidos corporais. Essa assimilação acontece de forma lenta, construindo sua própria moradia para ser habitada. A imaginação necessita que (de)moremos nela. Um exemplo dessa experiência é o fotógrafo cego Evgen Bavcar que declara ser cego como os astrônomos olhando as estrelas, onde, de maneira indireta não veem a sua extensão com seus próprios olhos. “Todos precisamos ver com um telescópio, com o auxílio de outros campos para a visão ou de outros olhos, sendo assim somos todos um pouco cegos.” (BAVCAR, 2003. p.12).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAVCAR, E. **Memória do Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis RJ: Vozes, 2017. 2v.
- OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In NOVAES, A. (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. 9, p. 167-182.
- PEIXOTO, N. B. O olhar do estrangeiro. In NOVAES, A. (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. 20 ,p. 361-365.